

**A INVERSÃO DE PAPÉIS SOCIAIS EM *THE PORTRAIT OF A LADY***

*Helen Cristina dos Anjos Santos (UFS)*

A literatura realista começa a quebrar alguns paradigmas e a introduzir em suas obras temas nunca antes tratados, trabalhando mais no âmbito social que no puramente estético. Os heróis românticos são substituídos por pessoas comuns, cheias de problemas, sonhos e também limitações. Os autores procuram retratar a sociedade tal qual eles a enxergavam e diante disso era necessário falar sobre o cotidiano massacrante da população mais pobre, do amor adúltero e do egoísmo e falsidade humana. Dessa forma, o presente trabalho busca abordar tais características sob a luz de suas correntes filosóficas dentro da obra de Henry James – *The Portrait of a Lady*.

Essa obra, conhecida por ser a principal do autor citado, está inserida na fase de transição entre o romantismo e o realismo e, por se também o primeiro grande romance de Henry James, nos leva a encontrar características dos dois períodos literários. O autor utiliza-se de um tema bastante novo – a busca de liberdade por parte das mulheres e sua frenética busca pela emancipação, para desenrolar uma trama marcada pela inversão de valores e papéis dentro do casamento, o qual sempre fora determinado pelas relações sociais burocráticas da sociedade.

A mulher não tinha liberdade de escolher o seu futuro marido pelas emoções ou sentimentos que por acaso mantivesse com algum dos pretendentes selecionados pelo pai. Sua vida conjugal era negociada com aquele que fosse mais rico e que possuísse a maior quantidade de bens. Diante disso, a obra citada traz Isabel Archer, uma pobre mulher que ao invés de sonhar com o casamento por amor, sonha desesperadamente com a conquista de sua liberdade. Ela deseja conhecer o mundo, viajar e nunca, nunca se casar.

Isabel tinha a firme determinação de não ser vazia. Bastava esperar com a dose certa de paciência para encontrar alguma tarefa afortunada com que ocupar as mãos. É claro que, dentre suas teorias, essa jovem contava com uma coleção de opiniões sobre casamento. A primeira da lista era a convicção da vulgaridade de ter uma grande idéia sobre o assunto. De cair na ansiedade sobre esse ponto, ela rezava com fervor para se livrar; sustentava que a mulher deveria ser capaz de viver para si, na ausência de excepcional frivolidade, e que era perfeitamente possível ser feliz sem consorciar com uma pessoa de mente mais ou menos vulgar do outro sexo. (p. 63)

Isabel é uma jovem diferente. Sua criação não seguiu os padrões fixos e conservadores da sociedade em que vivera. Ela é irreverente, culta e destemida. Sua tia, a senhora Touchett, levava-a para a Inglaterra depois que seus pais faleceram e não deixaram uma herança muito grande. A “missão” da nobre senhora é transformar Isabel em uma dama, nem que para isso seja necessário casa-la com um *lord* inglês.

A inversão de papéis sociais feita pelo autor não é centrada apenas no caráter de Isabel, mas sim em quase todas as mulheres inseridas na trama. A começar pela senhora Touchett que mesmo casada há muitos anos vive separada corporal e espiritualmente do marido. Ele é rico, mas ela pretendia ir à América cuidar de seus investimentos “com os quais seu marido, a despeito de sua privilegiada posição financeira, nada tinha a ver” (p.40) e dessa forma resolvia tudo conforme seu parecer. Ela era independente do marido e o considerava tão útil quanto um “selo sem cola”, ao ponto de passar apenas um mês do ano em sua companhia.

Ela não era doce, amável ou responsável pela casa e pela criação dos filhos, como eram as mulheres românticas, mas deixava esse legado materno ao marido que o realizava com afinho e bastante prazer. Ele, um velho enfermo e bastante debilitado, morava apenas com seu filho, também inválido, Ralf Touchett, o qual cuidava de receber os convidados da família e da saúde do pai. Diante disso, os dois mantinham uma relação tão próxima que se o pobre senhor Touchett morresse, Ralf sentiria bem mais a sua falta que a própria viúva.

... deve-se admitir que dos progenitores de Ralf, era o pai quem mais provia seu senso de doçura da dependência filial. Seu pai, como dizia a si mesmo muitas vezes, era o mais maternal; a mãe, por outro lado, era paternal, chegando a ser, de acordo com a gíria da época, mandona. (p.49)

Assim, a inversão de papéis entre mulheres e homens prossegue em toda a história. Mais adiante surgem de um lado, a senhorita Henriqueta Stackpole, amiga íntima de Isabel, Madame Merle, amiga da senhora Touchett e a condessa Gemini, futura cunhada da protagonista. Todas são mulheres bem resolvidas, independentes e livres. A primeira, solteira e irreverente, é jornalista crítica de um jornal americano. Vive viajando pela Europa em busca de aventuras e dinheiro. Pouco se importa com o que as regras conservadoras destinadas às moças dizem e faz tudo o que lhe agrada.

A segunda, por sua vez, é viúva, não tem filhos e é bem recebida na casa dos amigos onde quer que vá. Tem uma inteligência invejável e é reconhecida socialmente, não pelo sobrenome do marido, mas por sua presença em várias “reuniões” sociais de diversos países. Já a última, a condessa, vive com o marido, mas em um regime muito semelhante ao da senhora Touchett. Tem uma lista de amantes que chega ao número quinze e não se importa com o que as pessoas falam ao seu respeito. É totalmente irreverente e não nega que o seu casamento permanece apenas pelo dinheiro.

Do outro lado surgem os personagens masculinos Lord Warbuton e Caspar Goodwood, os quais pediram a mão de Isabel em casamento, mas foram rejeitados por ela. Eles sofrem sonhando com o amor da protagonista e tentam conquistar a todo custo o coração libertário dela. Não são como os homens descritos em obras de outros períodos literários que não sentem paixão por suas esposas e pensam em casamento apenas por causa do dote que receberão. Eles, ao contrário, declaram o seu amor antes mesmo de ela herdar a fortuna do tio e se tornar rica.

Dessa forma, os personagens masculinos em *The Portrait of a Lady* assumem posições que antes só eram ocupadas pelas mulheres. Eles não exercem poderes sobre elas, como a sociedade estabelecia, mas estavam sujeitos a elas numa posição completamente nova para esse gênero. A dor da desilusão é presente em suas vidas durante toda a trama o que faz eles serem movidos pelo sentimento e não esquecerem a mágoa causada por ela, mesmo após seu casamento com o Senhor Gilbert Osmond.

Esse personagem, que muda completamente o desenvolver da história da protagonista, é o principal fator na crítica do autor à tentativa frustrante da mulher em conseguir a sua emancipação. Por mais que Isabel tente, e lute, e queira ser livre, ela se prende e se entrega a um casamento infeliz com um homem totalmente diferente dela. Ela não consegue se libertar de todas as convenções sociais e não se divorcia porque se mantém apegada às tradições de um casamento eterno.

Ainda não se propusera a agir em direta oposição aos desejos dele; ele era seu senhor nomeado e registrado; às vezes ela contemplava esse fato com certo pasmo incrédulo. Porém, era um peso em sua mente; havia nela a presença constante de todas as tradicionais tendências e santidades do matrimônio. A idéia de violá-las enchia-a de vergonha e também de temor, pois, ao se entregar, ela perdera de vista tal contingência, na total convicção de que as intenções do marido eram tão generosas quanto as suas próprias. (p.424)

Por mais que ela passe a detestar a sua convivência com o marido, ela mantém as aparências de felicidade e união entre eles, e aceita toda a humilhação pela qual Osmond a faz passar. A sua personalidade, antes tão forte, vai perdendo as forças na medida em que ela se entrega à tentativa de conservar o sentimento que se esvaiu na mesma rapidez com que a possuiu. Ela não dera ouvidos à amiga, a senhorita Stackpole, a qual disse que ela corria perigo de “confinar-se cada vez mais ao convívio de uns poucos egoístas e desalmados” (p.208) e assim passa por uma lenta, contudo perceptível, mudança.

Ela se apagara quando o conheceu; tornara-se pequena, fingindo haver menos dela do que de fato havia. Era por ter ficado sob influência do extraordinário encanto que ele, por seu lado, se dera ao trabalho de pôr em ação. Ele não estava mudado; não se dissimulara, durante o ano em que a cortejara, nem um pouco mais do que ela. Mas ela vira apenas metade da natureza dele naquela ocasião, como quando alguém vê o disco da lua quando está encoberto em parte pela sombra da Terra. Agora ela via a lua cheia – via o homem por inteiro. Ela se manteve quieta, por assim dizer, para ele ter campo livre e, no entanto, apesar disso, tomara a parte pelo todo. (p.392)

Ele, por sua vez, é um homem real que a literatura desse período deseja mostrar. É interesseiro, egoísta e cruel. Coloca sua filha em um convento para que ela não veja o mundo e não deseje ser como a madrasta. É falso e adúltero. Manteve no seu primeiro casamento uma relação extraconjugal de sete ou oito anos com a agora, melhor amiga de sua atual esposa. É grosseiro e conservador.

Essa característica de mostrar dentro da literatura a maldade dos homens também é reforçada na personagem, anteriormente citada, Madame Merle. Ela que se tornou amiga do peito de Isabel, promove o casamento dela com o seu amante, com o qual ela tem uma filha que ninguém sabe que é sua. Eles mantêm em segredo o seu caso amoroso que começou antes mesmo de ela ficar viúva.

A falsidade dela é algo chocante na obra, uma vez que a amizade entre as duas cresceu de forma rápida e forte. Ela se mostrava uma pessoa boa, dizia-se interessada no sucesso da amiga de forma quase maternal, mas fere-a de forma descomunal com seus atos friamente programados. E mesmo depois que a revelação do seu segredo é feita, ela mantém a sua postura e não dá o braço a torcer não pedindo desculpas e nem se justificando. Permanece imparcial e, teoricamente, indestrutível.

Há ainda outras características realistas visíveis em *The Portrait of a Lady*. São elas: o gosto pelos detalhes e o distanciamento do narrador. No primeiro caso o que torna a narrativa bastante lenta em alguns trechos. E, como consequência do período de transição em que foi escrita, a objetividade tão almejada fica um pouco comprometida no decorrer da história. Há capítulos que, se o leitor não se detiver ao tema central da trama, ele acaba perdendo o fio da meada. No segundo caso, é possível notar a presença de um narrador observador, contudo ele não interfere diretamente na história. Ele faz suas considerações, mas não atrapalha o desenvolvimento dos acontecimentos.

Outros pontos importantes que podemos observar como características particulares do autor são: primeiro, que o fato de a mulher buscar sua independência, lutar ferrenhamente por ela, enfrenta alguns preconceitos sociais, mas no final da história não consegue êxito completo. Segundo, em suas obras ele sempre busca um ambiente externo, fora da sua pátria. E isso talvez possa ser explicado por sua própria biografia, uma vez que ele era americano, mas morou muitos anos na Europa. Seus personagens são seus compatriotas, contudo os principais sempre residem, ou passam muito tempo em viagens, em países europeus. E terceiro podemos observar que Henry James busca sempre demarcar uma superioridade dos americanos perante os europeus.

Esses são geralmente os mais desprovidos de bom senso, de bons sentimentos e de boas intenções, enquanto aqueles são os melhores pretendentes para as moças, os mais cavalheiros, os mais inteligentes e até mesmo os mais dotados de sabedoria. Ele procura dar um final interessante e, muitas vezes, pra aqueles da mesma pátria que a sua e aos outros promove um final banal e, às vezes, terrível.

Tais peculiaridades podem ser notadas no romance estudado quando a busca de Isabel não é bem sucedida, quando a maior parte da história é narrada na Inglaterra ou em outros países europeus e ainda quando ele descreve a viagem do senhor Bantling, amigo de Henrietta Strackpole que no final torna-se seu marido, aos Estados Unidos.

Não sabia dizer se ele tinha gostado da viagem, mas podia dizer sem medo de errar, que tinha sido bom para ele; não era a mesma pessoa ao partir. Isso lhe abriu os olhos e mostrara que a Inglaterra não era tudo. (...) algumas de suas perguntas eram por demais desanimadoras; achava que todas as filhas de fazendeiro eram arrumadeiras – ou que todas as arrumadeiras eram filhas de fazendeiros. (...) No geral, ele se portara como se houvesse excesso de tudo – e ele só pudesse absorver uma pequena parte. (p. 449 e 450)

É também possível relacionar essas características, como forma de comprovação, ao se fazer uma análise de outro romance do mesmo autor – *Daisy Miller*. Nessa história, da mesma forma como em *The Portrait of a Lady*, a protagonista é moderna, irreverente e tem desejo ardente de ser livre. É americana e está viajando pela Europa com a família. Ela não se importa com o que as pessoas falam ao seu respeito e faz tudo o que deseja para sentir-se bem. Contudo, ela recebe um final que soa como uma punição aos seus costumes – ela acaba de uma doença que adquiriu em um passeio “proibido”.

Os personagens masculinos por sua vez são caracterizados em dois lados opostos. De um lado está Winterbourne, um americano doce, com boas intenções a respeito de Daisy, que está apaixonado por ela, mas que mesmo assim desaprova algumas das suas atitudes modernas demais para a época. Do outro Giovanelli, um europeu que não se preocupa com a preservação da reputação da garota com que está saindo. Ele realiza todos os desejos de Daisy sem fazer menção aos costumes tradicionais e é ele quem a leva ao passeio proibido, depois do qual, supostamente, ela adocece.

A partir de todos esses pontos enumerados, torna-se possível compreender as bases teóricas e as correntes filosóficas do período descrito, entre elas o Determinismo de Taine. Essa prega que o homem é produto direto do meio no qual está inserido e a personagem que mais representa essa corrente é Isabel, a qual luta por sua independência, mas acaba sucumbindo às tradições.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

JAMES, Henry. **Retrato de uma senhora**. São Paulo: Companhia das letras, 1995.

MOREHEAD, Albert H, BLUM, Harold J. and others. **100 Great American Novels**. New York: New American Library, 1966.